

O gato abriu a janela e saltou para a noite

A "revelação", plural, tem vindo a ser a da espantosa vitalidade. Que não se perdeu na travessia dum deserto de hostilidades, mais duradoura que a da dita longa noite fascista, e até parecia crescer. Renovada a cada reconhecimento, tardios que eles fossem - se foram! -; a cada exposição, espectáculo ou gravação com base em textos seus; no filme de Miguel G. Mendes (*Autografia*, 2004) e antestreia na Cinemateca, com Cesariny a "armar cavaleiro" o cineasta; a cada prémio, homenagem, condecoração. 'Passeio do cadáver esquisito'

Elisabete França

Tinha segredos este mago transformador de palavras e tintas em ouro de poesia, que vai hoje repousar nos Prazeres. "No retrato que dele fiz, Cesariny tem a mão fechada como quem guarda lá dentro o segredo da escrita. Segredo que o olhar, directo e intenso, ameaça um dia revelar-nos", diz ao DN o fotógrafo Fernando Lemos, a adivinhar, na imagem, um seu "segredo".

O gato abriu a janela e saltou para a noite Da câmara-ardente no Palácio Galveias para o Cemitério dos Prazeres, às 14. 00, sairá Cesariny, encoberto, numa *performance* que é só a sua, pessoalíssima derivação ao *passeio do cadáver esquisito*, a propósito do qual o vimos na TV, no passado dia 2, a falar, a rir, a brincar. Exuberante.

Nesse dia, inaugurava-se a sua última exposição em Lisboa (patente na Perve Galeria), com Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco, *O Passeio do Cadáver Esquisito*. Criações a três, recuperando prática do movimento surrealista, celebrando encontro de velhos amigos separados pela vida e por surreais arrufos que são já história literária.

No último fim-de-semana, fechava em Madrid a exposição de Mário Cesariny *Navio de Espelhos*, no Círculo de Belas Artes. Ao artista sobrevinha febre. O *Corpo Visível* da poesia inicial era, há muito, corpo cansado - também da vida sorvida até ao âmago, no verbo que, em "matéria mais lírica, mais amorosa, não era uma evocação, era uma invocação ao deus desconhecido, um incêndio" (*entrevista ao DN*, 2002). Corpo consumido por milhões de cigarros saboreados até há pouco, pálida memória de extintos

incêndios.

Dada pelas avenidas de Lisboa

Então, Mário Cesariny de Vasconcelos, nascido em Lisboa no dia 9 de Agosto de 1923, gastou, até ao último sopro, seus sete fôlegos de gato, animal livre e soberano que amava e com o qual se identificava, como documentam muitos textos e algumas imagens. Nascido sob signo de fogo, destinado pelo pai a suceder-lhe no "negócio de ourives joalheiro" com "muitos oficiais a trabalhar", fez "anéis e brincos, muitos broches", mas isso "não dizia nada" ao jovem, que jamais teria empregos certos (*entrevista citada*). Amava a música, estudou piano mais as irmãs, "mas só até o pai chegar" tocava.

De facto, passou do literal ao simbólico: da ourivesaria à alquimia, da música das teclas à que na poesia incorporou. Sempre escreveu, até ao fim desenhou, pintou, criou novas técnicas plásticas. A formação básica, com passagem por Arquitectura, foi na Escola António Arroio. Na "época áurea" em que pontificava, com Cruzeiro Seixas e outros, no Café Herminius da Avenida Almirante Reis: "Fazíamos maluquices. Saltávamos por cima das mesas, sei lá. (...) Ainda fizemos lá uma exposição de bonecos. De certa maneira, tudo o que fazíamos era uma sátira e uma recusa violenta da ditadura. Mas tudo tão estranho que a polícia não alcançava. (...)era uma espécie de Cabaret Voltaire, só não deixou rasto. E houve vários cafés, o Royal do Cais do Sodré, o Gelo... "

Era Dada em Lisboa, por coincidência e com atraso. Da Almirante Reis à Avenida da Liberdade, onde Mário Cesariny, Alexandre O'Neill e António Domingues tiveram *atelier* em 1947-48 - local de experiências tipo grupanálise selvagem, "uma experiência intransmissível" -, por onde os dois primeiros passearam *O Operário (acima, à esquerda)*. Tão transgressor que afrontava, a um tempo, o regime fascista e a oposição intelectual comunista/neo-realista. No Portugal pós-guerra com anseios de mudança frustrados, foi a primeira intervenção artística de rua, tipo *agit-prop*. A única em décadas.

Real quotidiano reabilitado

Em livro, *Um Auto para Jerusalém* aos 23 anos, nos caderninhos que Luís Pacheco editava, apreendido pela polícia por décadas (chegou a palco sem problemas em 2002!), foi o primeiro título. Na poesia, estreia em *Corpo Visível*, 1950 (financiado por Eugénio de Andrade, amigo

até ao fim), títulos seguintes com chancela
Contraponto/Pacheco.

De permeio, constituíram-se Os Surrealistas e o Grupo Surrealista de Lisboa, explodiu a dissidência insanável com António Pedro e José- -Augusto França, entre outros. Cesariny agrupava-se com Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Pedro Oom. Visitou em Paris André Breton, o *líder* mundial do movimento, mas "era surrealista por instinto".

A sua poesia, essa, mais do que surreal, é a que faz *Reabilitação do Real Quotidiano*, bebida em Cesário e na melhor poesia portuguesa anterior e seguinte, Pessoa/Campos com lugar próprio em *Louvor e Simplificação*. Pinta fulgores desse real transfigurado em *Elsinore*, local apodrecido e insalubre, intolerante com toda a diferença, que levou este homossexual, sob perseguição sistemática e apresentação com data na polícia, ao exílio britânico (anos 60).

Há anos, o também tradutor organizou edições do espólio surrealista (Assírio & Alvim, que prepara a saída de um audiolivro). Recebeu o Grande Prémio EDP de Artes Plásticas, o Prémio Vida Literária da APE e a Ordem da Liberdade.

(*Diário de Notícias*, Lisboa, 27 Nov. 2006)